



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

LEONARDO XAVIER MARTINS PONTES

**UMA NARRATIVA SOBRE UMA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA
Relatório de Estágio Supervisionado**

**GUARABIRA-PB
Maio de 2016**

LEONARDO XAVIER MARTINS PONTES

UMA NARRATIVA SOBRE UMA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA
Relatório de Estágio Supervisionado

Relatório de Estágio Supervisionado
Apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB -
CAMPUS III, sob a orientação da professora
Ma. Luciana Calissi, para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em História.

GUARABIRA/PB

Mai de 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P813n Pontes, Leonardo Xavier Martins
Uma narrativa sobre uma prática do ensino de História.
[manuscrito] / Leonardo Xavier Martins Pontes. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Ms. Luciana Calissi, Departamento de
História".


1. Estágio supervisionado. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Ensino
de História 4. Sala de aula. I. Título.

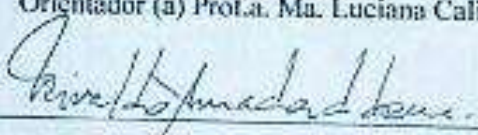
21. ed. CDD 371.102


LEONARDO XAVIER MARTINS PONTES

**UMA NARRATIVA SOBRE UMA PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA: Relatório de
Estágio Supervisionado**

Aprovada em 25/05/2018


Orientador (a) Prof.ª Ma. Luciana Calissi


Examinador (a) Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa


Examinadora Prof. Dra. Simone da Silva Costa

A minha mãe Laura Cristina Xavier Martins, por toda gratidão, pela confiança depositada em mim, por todos os ensinamentos e por ter acreditado que através da educação conheceria caminhos e pessoas que os acomodados jamais conhecerão.

RESUMO

Este trabalho apresenta as minhas experiências e percepções no estágio supervisionado do curso de Licenciatura Plena em História, realizado no ano de 2013. Reflete, a partir das reflexões sobre estas vivências, sobre o processo de ensino- aprendizagem do ensino de história na sala de aula tendo como principal metodologia o uso da Oficina. Esta, considerada aqui, como atividade docente capaz de contemplar com eficiência o aprendizado. Este trabalho por fim, expressa a importância do Estágio na formação docente.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino- Aprendizagem em História. Sala de Aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I- MEMORIAL ESCOLAR. Uma Narrativa Reflexiva Histórica Sobre Minha Formação Educacional.....	09
CAPÍTULO II – A ESCOLA E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	15
CAPITULO III – A OFICINA COMO METODOLOGIA: aprender história é prazeroso.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo uma narrativa reflexiva sobre minha experiência no Estágio Supervisionado em História realizado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). No decorrer do curso de licenciatura, os professores apontaram diversas questões acerca do ensino de História; tive o prazer de trabalhar no estágio algumas destas questões, e percebi que quase todos os questionamentos traziam em seu conteúdo a dificuldade de ensinar e aprender história. A partir de algumas práticas em sala de aula, pude constatar que a experiência é prazerosa ao passo que desafiadora.

Nesta experiência surgiu uma principal questão ou inquietação sobre o ensino: como fazer a relação teoria e prática para a construção de um conhecimento histórico significativo, enquanto aluno concluinte do curso de Licenciatura Plena em História, do ano letivo de 2015.

O processo de ensino - aprendizagem deve contemplar as reflexões e debates acerca do ensino de História. Nas instituições superiores de ensino, como acontece na UEPB, essas discussões devem ir ao encontro de como ensinar História no ambiente escolar e as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de aprendizagem. O professor não deve limitar-se tão somente a transmitir e/ou reproduzir o conhecimento histórico adquirido no meio acadêmico, mas atrair os alunos para os métodos e ferramentas que auxiliam nas aulas e que somadas ao desenvolvimento da aprendizagem tornam-se as aulas mais instigantes. O docente não deve deixar de considerar o conhecimento prévio dos alunos, mas aproximar os conteúdos de suas realidades para que os mesmos se percebam agentes do processo histórico e busquem significados para determinadas questões por intermédio da história.

A História trás contribuições para todo campo da sociedade e todo sujeito, para isso, basta que se tenha interesse. Quando se fala em ensino da História, logo se discute a questão do ensino Tradicional e o ensino inovador. Com o passar do curso (da Licenciatura), investiguei o que a propósito seria o ensino Inovador. A princípio, imaginei que o ensino Inovador fosse o esquecimento do livro didático em detrimento da tecnologia aplicada às aulas, mas ao analisar e refletir acerca dessa abordagem, na verdade, um depende do outro. Afinal, os livros didáticos não devem ser esquecidos ou rejeitados, mais utilizados da forma correta, junto com outras ferramentas que auxiliem no processo de aprendizagem.

A partir de minhas vivências como aluno da escola básica e da licenciatura, de minhas inquietações e das perspectivas sobre o ensino acima apontadas, trago neste trabalho os caminhos que estas vivências me proporcionaram, e uma reflexão sobre o que foi possível realizar nas escolas enquanto estagiário. Para tanto, a primeira parte deste relato apresenta o

meu memorial escolar e sua importância para a minha formação, onde faço um apanhado da minha vida educacional, das primeiras lembranças acerca do aprendizado até o Curso de Licenciatura Plena em História. A seguir, falo de minha impressão sobre a escola Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, onde estagiei, e os alunos com os quais trabalhei nesta escola. Na terceira parte realizo o relato reflexivo sobre a atividade de estágio aqui escolhida para pensar as questões propostas; a Oficina aplicada em sala de aula, sendo exposta toda metodologia empregada. Neste tópico, apresento reflexões sobre a relação teoria e prática a partir do desenvolvimento de minha oficina no estágio. E por fim, minhas considerações finais sobre tudo isto.

CAPÍTULO I- MEMORIAL ESCOLAR. Uma Narrativa Reflexiva Histórica sobre Minha Formação Educacional

“Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo.” (Paulo Freire).

Esta passagem de FREIRE mexe, particularmente comigo, visto que me identifico com tal afirmação, pois desde pequeno, quando ainda estava compreendendo o mundo de forma tímida, percebi a importância do conhecimento, pois cada leitura que eu fazia, novas coisas conhecia, e ainda, através da leitura, passei a refletir acerca da minha realidade, na qual estou inserido, de forma mais compreensiva, afinal a leitura é a porta para o conhecimento. Atualmente, com uma visão mais experiente e humanizada, percebo o mundo, com base nos aprendizados que tive na academia, de forma mais leve, assim, diminuindo os temores, mas nunca a curiosidade em aprender.

Acabei voltando ao tempo e refletindo acerca das relações no ambiente escolar: as amizades, o aprendizado, os momentos marcantes, e que tenho recordações de serem os melhores que já vivi. As influências de aprendizagem que o ensino escolar me proporcionou, como; o conhecimento das letras, dos números, das artes, das relações sociais, entre outros que tornaram a pessoa e o profissional que sou hoje. Mais que isso, posicionar-me de forma reflexiva, crítica e respeitando as diferenças. Assim, as relações de aprendizagem me possibilitaram conviver com o diferente e refletir acerca de que a diferença está em tudo e em todos, logo a diferença é normal e faz parte do mundo em que vivemos. Tudo isso, interferiu na minha formação moral, social, intelectual e emocional.

Chamo-me Leonardo Xavier Martins Pontes, nasci na cidade de GUARABIRA-PB. Sou filho de Laura Cristina Xavier Martins e Manuel Firmino de Pontes, família humilde, simples e com enorme força de vontade de vencer na vida, entretanto, com todas as dificuldades da vida, sempre foram atenciosos para comigo no âmbito educacional.

Meus pais não tiveram as oportunidades que tive perante os estudos, já que ambos pertenciam à família simples e humilde, sendo que desde pequenos começaram a trabalhar para ajudar meus avós e a si mesmos, assim, faltava tempo para dedicarem-se aos estudos. Meu Pai parou de estudar na oitava série, já minha Mãe, na quinta série. Por outro lado, decidi seguir nos estudos, firme e forte.

Comecei a estudar quando tinha quatro anos de idade, no ano de 1995. E foram nas séries iniciais que aprendi as vogais, os primeiros números, o alfabeto, as cores, os primeiros desenhos, enfim, gostava muito de aprender, e principalmente, nos dias em que a professora contava historinha para a turma, pois começava a entender o mundo de forma simples e criativa. Sempre estava com lápis nas mãos, seja riscando as paredes de casa ou o que tinha pela frente, apesar do recomendado ser o papel, mas como toda criança que se preze, meu desejo era sentir prazer ao escrever, por mais que fosse onde não devia, isto aprendi aos poucos, principalmente, com minha Mãe. Como ainda não era integralmente alfabetizado, imaginava as histórias através dos desenhos, ilustrações e histórias contadas e/ou narradas. Acabava que “viajando nas historinhas”.

Minha família, sem exceção, sempre me apoiou nos estudos, acreditando no meu crescimento. E mais, ensinaram-me virtudes que carrego nos dias de hoje; respeitar os amigos e demais pessoas, independente de cor, idade, credo, sexo, entre outros. Ensinaram-me também que as coisas simples da vida são as mais valiosas por suas simplicidades, e que para correr atrás de nossos sonhos é preciso perseverança.

Atualmente, minha família se encontra bem melhor do que há alguns anos; as dificuldades ainda existem - claro, mas não tão forte quanto antes, afinal, as coisas mudam e seguimos juntos, alguns evoluem e outros regressam. Evoluímos um pouco, mas nem sempre foi assim. Desde criança aprendi a conviver com as dificuldades, apesar de saber que a vida não é tão simples quanto parece. Costumo compara-la com uma estrada, onde se tem o caminho a seguir, tem também os obstáculos, os buracos, as curvas e incertezas, e as dúvidas de onde se quer chegar ou para onde ir. Quando fui adquirindo mais discernimento, passei a entender um pouco mais sobre a vida e de nossas responsabilidades, assim, optei por estudar e tentar crescer através dos meus estudos, pois não me sentia bem em pedir tudo que se precisava aos meus Pais.

Amadureci em um lugar simples, humilde, pobre, mas repleto de confiança e respeito entre nós. Eu e meus irmãos sempre tivemos uma relação pautada no respeito e admiração, sendo que discussões e intrigas ocorriam, mas são normais, afinal, quais irmãos nunca se desentenderam? Crescemos aprendendo a conviver com problemas e dificuldades, sempre tentando melhorar. Como todo humano que se preze, tenho defeitos e qualidades, estes, herdei da minha Mãe, e aqueles, todo mundo tem.

Com muito empenho e esforço, minha mãe me matriculou na Escola Maria Eulália, escola particular (atualmente, não funciona mais). Em 1995 eu lembro que fui à escola pela primeira vez. Fui matriculado no Jardim I, estudava no turno da manhã, não era nada fácil

acordar cedo, minha primeira professora foi Gil. Nos primeiros dias que fui para a escola, logo após minha mãe me deixar e ir embora, não aguentava e começava a chorar, eu não queria que ela fosse, mas hoje entendo que eu tinha que me acostumar, foi difícil.

Permaneci na Escola Maria Eulália até a primeira série do fundamental I, quando terminei a educação infantil. Recordo-me ainda de algumas pessoas daquele tempo, como a Professora Gil que é muito amiga da minha mãe, e uma hora ou outra ela vem nos visitar ou vice-versa. Ainda tive algumas aulas de reforço com essa Professora; as aulas eram de Matemática, aprendi multiplicar, dividir, subtrair e somar. Nunca esqueço. Nas séries seguintes, fui matriculado na EEEF Antenor Navarro.

Nessa nova etapa, uma escola maior, mais professores, mais disciplinas, mais amizade, enfim, foram surgindo às turmas de amigos, de trabalhos educacionais, de jogos, entre outras, os laços de amizade e sociabilidade foram se fazendo e as mudanças em mim também. Acabei me adaptando ao novo ambiente escolar, e ali, tive momentos inesquecíveis, amizades que cultivo até hoje, e mais, tudo foi de grande aprendizado.

Nunca fui reprovado, apesar de em algumas matérias eu ter passado “por um fio”. No geral, tirava notas boas, principalmente em Arte e História. Que eram as matérias que melhor me saía.

A escola tinha uma estrutura muito boa, com Professores responsáveis e a educação levada a sério pelos integrantes da instituição educacional. Ocorriam alguns eventos na escola, como; desfile cívico, as datas comemorativas, danças juninas, entre outras. A refeição era muito boa. Fui aprendendo a gostar do ambiente, na verdade, desde o primeiro dia comecei a gostar, pois tinha um colega o qual já conhecia e estudava na mesma sala que eu, ele se chama Ramon, é um dos meus melhores amigos.

Na sala de aula sempre fui reservado, gostava de conversar com os mais próximos, falava pouco, mas não me considerava tímido, afinal, quando saíamos da sala, geralmente eu conversava com todo mundo, sem problema. Durante as aulas, observava atencioso, normalmente tinha algumas dúvidas sobre alguns assuntos, daí sempre pedia auxílio a Professora para que explicasse. Estudei no Antenor Navarro durante cinco anos, iniciei na primeira série até a quinta série. Dependendo de mim, ficava lá até terminar os estudos, mas a escola só suportava até a quinta série.

A partir da sexta série, ingressei na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente) em 2009, e tive uma passagem no Raul de Freitas Mousinho, mas foi no Polivalente onde concluir o ensino médio.

Particularmente, sempre gostei da parte de *humanas*, em especial a disciplina de História, principalmente o conteúdo de história do Brasil. Desde o final do ensino fundamental para o ensino médio, deparei-me com a disciplina de história e conseqüentemente, em meio às outras, foi a que mais me chamou atenção e despertou minha curiosidade. Lembro-me também de um professor, chamado de Emiliano, que estava tirando licença de uma professora que estava no período gestacional. Durante quatro meses seguidos, este professor, diferente dos demais da escola, tinha algo especial em suas aulas; seus apontamentos eram sempre críticos e sinceros; além de trabalhar com o livro didático, o mesmo realizava reflexões e desmistificações que antes, nunca tínhamos visto partindo de outro professor. Lembro-me de um questionamento feito pelo mesmo com relação ao período colonial, que dizia: “O Brasil não foi descoberto, como consta neste livro didático, isso é um erro, pois aqui, antes dos invasores europeus chegarem, existiam os nativos, assim, como se descobre algo já descoberto?”. Isto foi sensacional pra mim, pois ele não deixou a história oficial esconder a verdade. Acredito que através de um grande professor, temos grandes escolhas, e este professor, de forma indireta, fez-me escolher um bom caminho: a História.

Quando do último ano de curso no ensino Médio, não sabia que curso pretendia ingressar, passou vagamente pela cabeça cursar História, ainda mais sobre as influências daquele professor, e mais, sempre gostei de vídeos de história, historinhas, documentários, mas ainda não tinha certeza do que eu queria, até me inscrever no vestibular da UEPB e optar por Licenciatura Plena em História, no turno da noite, pois trabalhava durante o dia e tinha que escolher um curso noturno. Assim, entre Letras, Geografia e História, a decisão foi esta última, por afinidade com a disciplina desde o ensino fundamental sob a influência de um grande professor e por indicação de um amigo que já cursava História. E nem sequer sabia que posteriormente voltaria ao Polivalente, mas dessa vez na condição de docente, onde estagiei também.

Com 17 anos prestei vestibular pela primeira vez, não obtendo êxito. Não consegui a pontuação desejada. Mas não desisti, no ano seguinte alcancei. Busquei nos livros o auxílio para conseguir a almejada vaga. Passei noites em claro. Pois queria ingressar na UEPB.

Fui classificado com uma boa posição, entrei na primeira chamada. No início do ano de 2010, comecei a estudar. Com uma pontuação boa, daria até pra ter escolhido outro curso, mas tinha que ser um curso noturno, pois trabalhava durante o dia, e eu tinha que conciliar, afinal, tinha contas a pagar e responsabilidade. Sendo assim, conciliei o trabalho com a Universidade. Graças ao meu trabalho consegui arcar com as despesas do curso até o final. Não foi fácil, pois, muitas vezes, chegava a minha residência, cansado do trabalho e tinha na

faixa de 40 minutos, no máximo, para tomar banho, jantar e ir ao ponto de ônibus para então chegar a UEPB. Foram dias de luta. Mais quem disse que seria fácil?

Optei então por História período noturno. Alguns até criticavam, diziam que eu devia escolher outro curso ou que eu estudasse mais da próxima vez para ingressar no curso de Direito. Isso tudo, causou uma impressão de que o curso ao qual passei não seria uma boa escolha, mas com o passar do tempo, percebi que aqueles que criticavam estavam enganados ou precisavam cursar História para mudarem de ideia. Bastava uma aula dos nossos renomados Professores.

No primeiro dia de aula como universitário foi diferente de tudo que já havia aprendido, foi ímpar. Os Professores com suas formas de falar e desempenhar seu papel eram encantadoras. De início, fiquei um pouco tenso. A primeira aula foi de Elisa (professora incrível que tenho o prazer de conhecer). Na verdade, não pude comparecer na primeira semana de aula, devido alguns impedimentos pessoais, assim, perdi a recepção dos alunos veteranos, mas minha primeira aula com a Professora mencionada foi espetacular. Nunca tinha visto nada igual.

Na UEPB, encontrei alguns colegas, entre eles, um vizinho e amigo, chamado Josivaldo e também meu amigo Ramon, que optou pelo mesmo curso que eu, estudando na mesma sala, mas abandonou o curso por motivos pessoais.

Na turma, havia músicos, cantores, políticos, entre outros. Era na verdade, uma turma bem diversificada, com posições políticas partidárias diferentes, posições religiosas diferentes, e estilos de vida diferentes. Minha turma sempre foi muito interessada, os Professores sempre diziam comentários positivos sobre nossa turma, pois liamos os textos, participávamos, indagávamos, enfim. Desde os primeiros dias de aulas, já discutíamos textos. Sendo que, respeitando sempre as opiniões alheias.

No decorrer do curso de Licenciatura Plena em História, aprendi a gostar cada vez mais de História, as aulas sempre diferentes e as leituras exigiam demais de nós. Acabei repetindo um componente curricular, por causa de quatro décimos. No mais, não obtive nenhum problema que deva destacar relacionado aos demais componentes curriculares. Eu cresci e amadureci com influências dos professores da Instituição (UEPB) em minha vida. A visão de mundo ficou mais requintada, as relações sociais, as tendências políticas, enfim, meu comportamento mudou. Do segundo ao terceiro ano de curso foram os mais difíceis, as cobranças aumentaram e os desafios também.

No segundo ano na universidade, participei de um curso de extensão, intitulado: “R(e)lendo Shakespeare”(fazia menção a como trabalhar com vídeos, filmes, documentários

em sala de aula) sob a coordenação do Professor Carlos Adriano, onde tive um bom aproveitamento, junto com o certificado. Tive a honra de participar do grupo de estudos sobre a disciplina Império com a Professora Naiara. E mais, passei em duas monitorias, entretanto, por falta de tempo e/ou disponibilidade, acabei não efetuando a matrícula.

O primeiro contato com os estágios foi muito produtivo, somaram-se experiências novas ao passo que enriquecedoras no âmbito de trabalhar uma boa aula, assim como desenvolver melhor o aprendizado dos alunos; para isso, descobri que uma opção são as oficinas, por outro lado, a disciplina referente aos estágios supervisionados, significou uma experiência incrível para mim como aluno, como profissional. Foi gratificante.

Por fim, só me resta defender o TCC, e nesta reta final, estou cada vez mais apaixonado pelo curso, por tudo que ele me ensinou. Entretanto, reconheço que não está sendo uma tarefa simples, mas está valendo cada minuto. O poder de ensinar é encantador. Apesar das batalhas enfrentadas durante o curso e em sala de aula, vejo cada esforço valer a pena, no âmbito da satisfação que é ensinar.

No entanto, a classe dos Professores não tem o devido valor no mundo. É uma classe que faz uma grande diferença em uma sociedade, e mais, qualquer curso, seja técnico ou superior, entre outros, todos passam por um Professor. É uma profissão que forma todas as outras. O que seria de nós sem os Professores?

Portanto, orgulho-me de fazer parte desta classe profissional, e continuarei por muito tempo levantando a bandeira da educação. Quero que meus esforços sejam recompensados, que os sonhos sejam realizados e que a vontade de ir mais longe, cresça a cada dia. Pois, cada minuto do Curso me proporcionou aprendizados inesquecíveis, que cultivarei pelo resto de minha vida. Cada Professor era único e insubstituível, as aulas foram impas e admiráveis. Aprendi a gostar dos meus Professores ao passo que aprendi a gostar de ensinar.

CAPÍTULO II – A ESCOLA E O ENSINO DE HISTÓRIA

No primeiro dia em que estive na Escola como aluno estagiário, no primeiro contato com os alunos em sala de aula, percebi a falta de familiaridade com o ensino de História por parte dos mesmos, e mais, todos os presentes na sala afirmaram que o ensino de história sempre era trabalhado com o livro didático, com textos cansativos e questões meramente decorativas, ou seja, os docentes de História selecionavam algumas questões contidas no livro e pediam para que os alunos estudassem e/ou decorasse as questões, pois as questões das provas eram algumas questões do livro. Assim, as questões eram decoradas e depois de alguns dias não sabiam mais de nada. Logo veio a lembrança de quando eu tinha menos idade e estudava em escola pública, isso, há quase 10 anos, e o modelo educacional aplicado ainda permanece o mesmo, com exceção do meu professor do Ensino Médio como falei acima.

Diante disso, percebi que a educação básica na escola analisada, em grande parte, inclina-se para a “decoreba”, pois se passaram um pouco mais de cinco anos em que estive como aluno da educação básica nesta escola, e o método ou estratégia em que as aulas são trabalhadas com o livro didático permanecem as mesmas, mesmo com toda tecnologia existente no mundo e também, disponível na escola em que ocorreu o estágio, como DVDS, DATA SHOWS, SONS, entre outros.

Alguns professores não fazem uso de tais ferramentas para contemplar a aprendizagem de forma dinâmica; talvez, seja devido à falta de formação continuada e/ou uma formação concretizada há algum tempo, assim, justificando a razão de alguns professores não se familiarizarem com as ferramentas tecnológicas. Por outro lado, considero o livro didático como a principal ferramenta de ensino, mas sem as complementações citadas, sem o processo de formação contínuo dos professores, sem as inovações em sala de aula (como exemplo: oficinas, dinâmicas, aulas de campo etc.), o ensinar empobrece.

O ensino da História não é exclusivamente uma atividade acadêmica, restrita as Universidades, junto a isso, existem sites, blogs, vídeos no campo da internet voltados para a discussão e reflexão acerca das melhores formas de como ensinar história; basta uma busca e/ou pesquisa mais apurada para localizar o pretendido.

Visivelmente, o ensino de história nas escolas é caracterizado pelos grandes acontecimentos políticos e os grandes feitos pelos heróis da história, somando-se a concepção de que a história é o estudo tão somente do passado. De acordo com CAIMI (2007),

[...] escola tradicional, voltados para a aquisição cumulativa de informações, com suas conhecidas características no ensino da História: ordenação mecânica

de fatos em causas e conseqüências; cronologia linear, eurocêntrica, privilegiando a curta duração; destaque para os feitos de governantes, homens, brancos, numa visão heroicizada e idealizada da História; conteúdos apresentados aos alunos como pacotes-verdades, desconsiderando e desvalorizando suas experiências cotidianas e práticas sociais. (p.20)

Por outro lado, há alguns anos novas ferramentas de ensino podem ser utilizadas pelos discentes e vêm ganhando espaço nas salas de aula, mais do que em outras épocas – como as oficinas, aulas de campo, trabalhos em equipe, entre outros. Além disto, atualmente, cada vez mais se exige do educador uma postura alicerçada num processo permanente de reflexão que leve a resultados inovadores no trato da educação, em meio às práticas tradicionais que imperava, abrindo caminho para novos temas e novas perspectivas. No entanto, em muitas salas de aula o comodismo, desestímulo, falta de formação continuada para que os professores se atualizem, conheçam e desenvolvam novos recursos que enriqueçam o ensinar, faz-se ausente em grande parte da educação básica e as mudanças e inovações se distanciam, mas o processo de adaptação e readaptação é longo, não é imediato como se desejaria.

Nas primeiras abordagens em sala de aula onde estagiei, sobre o ensino de história, levantei alguns questionamentos e indagações, que com a ajuda dos anos transcorridos da Licenciatura, junto ao contato prático em sala de aula no âmbito do estágio, fizeram-me refletir e entender um pouco do ensino de história: Será que o ensino de história tem que ser sempre voltado para o passado?

Outra observação que se faz necessário apontar é os métodos aplicados em sala de aula, somando um aprendizado coletivo entre docente e discente, onde o docente aprende ao ensinar, quando se está buscando inovações; ao inovar, logo se aprende algo a mais. Já o discente, através das aulas inovadoras e próximas de suas realidades, desperta suas curiosidades de aprendizagem. Assim, faz-se necessário observar o campo de estágio para além da estrutura física da instituição escolar, afinal, é importante ressaltar o meio em que os alunos vivem, e em proveito disso, suprir as necessidades dos mesmos no que se refere ao ensino histórico.

Por outro lado, os professores não saem das Universidades, prontos e acabados, vivenciam práticas, somam experiências, constituem formação e principalmente, continuam a aprender, ensinando. As práticas e metodologias adquiridas com o passar do tempo, contemplam os professores com atitudes e inovações que devem ser utilizadas em seu dia a dia no processo de ensinar, caminhando ao encontro de um ensino melhor e de qualidade, transformando o profissional, e este, tem que ser o melhor para os alunos, pois do contrário,

será possivelmente um profissional que não acompanha as mudanças necessárias à evolução da educação. “Em face dessas mudanças o novo professor necessita de uma nova leitura do mundo e da condição humana.” (SANTOS, 2002, p.177).

Os conhecimentos e experiência adquiridos no âmbito de ensinar propiciam ao educando uma reflexão acerca de seu papel como discente em meio aos desafios de ensinar, dessa forma, depende fundamentalmente do agir do educando e das possibilidades de inclusões de ferramentas educacionais que impulsionem o processo de aprendizagem, significativamente, além de incluir os temas abordados de forma a aproximar-se da realidade dos discentes, ou seja, relacionar com suas vivências para que haja mais interesse no aprendizado.

Dessa forma, para que ocorra um ensino de história em sala de aula de maneira atraente e proveitosa, faz-se necessário utilizar-se de ferramentas educacionais por parte dos docentes para que propiciem um maior desempenho dos discentes no processo de aprendizagem, como exemplo, menciono a *Oficina*, visto que os alunos precisam de movimento, desafio e ter um propósito que é aprender.

Sendo assim, além das discussões em sala de aula, realizamos uma Oficina, na Escola Raul de Freitas, localizado no Bairro da Primavera, no município de Guarabira, no mês de setembro de 2013.

“A atividade docente sistemática e científica toma objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) de modo intencional, não casuístico”. (PIMENTA, 1995, p.61). De acordo com PIMENTA, o docente deve estar inserido esquematicamente em seu plano e estratégia de ensinar, através das habilidades adquiridas no decorrer do curso e/ou das disciplinas pedagógicas que mostram o melhor caminho de ensinar e aprender, dessa forma, sendo intencional, mas não ao acaso, soma-se um melhor desempenho no processo de ensino – aprendizagem.

O processo de aprendizagem está a todo o momento se construindo, reconstruindo e buscando novos caminhos. No ambiente escolar, por vezes, esse processo passa despercebido, isso ocorre devido os professores e alunos aplicarem, facultativamente, métodos de ensino-aprendizagem monótonos, assim, não dando a devida importância para a inovação e menos ainda para o interesse de participação do alunado. Contudo, é do conhecimento de todos que existe métodos dinâmicos de aprendizagem, são esses métodos que desperta o interesse dos alunos. A Oficina foi o trabalho realizado junto aos alunos em sala de aula, onde as participações dos alunos perante as aulas tornaram-se possíveis.

CAPITULO III – A OFICINA COMO METODOLOGIA: APRENDER HISTÓRIA É PRAZEROSO

“(…) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. ”(Paulo Freire)

O ato de ensinar está estreitamente ligado às práticas e técnicas inovadoras que auxiliam no desempenho do professor em sala de aula. Uma dessas técnicas utilizadas no âmbito do estágio é a Oficina como recurso que possibilita resultados positivos em uma sala de aula; mas é importante ter cuidado tanto no planejamento quanto na realização do trabalho em sala de aula. A seguir, apresento a Oficina realizada em sala de aula.

O desenvolvimento da Oficina primeiramente almejou detectar os conhecimentos prévios dos alunos, assim como relacionar os assuntos propostos com aproximação de suas vivências, possibilitando ao alunado a participar do processo de ensino e aprendizagem de maneira operacional, atuante, utilizamos também, o livro didático, entretanto, nos opomos a sua exclusividade, já que o ser humano é um ser lúdico, logo necessita de movimentação.

Através da atividade aplicada, buscou-se alcançar nos alunos, uma maneira diferente de trabalhar o assunto tratado, para que os alunos percebam a importância dos assuntos referentes à História e a relação existente ou substancial dos fatos pretéritos aos nossos dias.

A Oficina educacional é um método bastante instigante e participativo, baseado no envolvimento de grupos para alcançar determinado objeto proposto, dessa forma, criando possibilidades de aquisição do saber, mas não somente sua transferência. É uma metodologia de trabalho que prevê a formação coletiva, possibilitando um processo educativo, composto de conhecimento.

A articulação entre teoria e prática é sempre um desafio, não apenas na área da educação. Entre pensar e fazer algo, há uma grande distância que, no entanto, pode ser vencida. Um dos caminhos possíveis para a superação dessa situação é a construção de estratégias de integração entre pressupostos teóricos e práticas, o que, fundamentalmente, caracteriza as oficinas pedagógicas. (PAVIANI, FONTANA, 2009, p.78)

Assim, de acordo com a citação acima, fica evidenciado a importância entre teoria e prática, assim como o desafio de alcançar esse feito e, uma possibilidade é a oficina pedagógica, pois com sua utilização, a aproximação entre teoria e prática fica mais evidenciado.

Compreende-se, portanto, que é essencial, para fugir das amarras de aulas monótonas, fixadas tão somente nos livros, não que este seja menos importante, mas não é o bastante, a utilização de estratégias alternativas. O corpo estudantil adora dialogar, interagir, opinar e aprender em grupo, por que não utilizar essa predisposição natural do ser humano na sala de aula, lançando mão das Oficinas?

Dessa forma, no âmbito educacional, a articulação entre teoria e prática encontra na metodologia das oficinas pedagógicas um recurso oportuno. De acordo com PIMENTA (1995): “A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidade para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente. (p. 63).”

Por outro lado, este trabalho caracteriza a Oficina como forma de construir conhecimento a partir da ação e da reflexão e relata sucintamente uma experiência de oficina oferecida a alunos da escola mencionada anteriormente, isso, com o apoio e orientação da professora Mariângela, referente à disciplina de estágio supervisionado da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A ideia, portanto, foi possibilitar a partir deste método de ensino, o descobrimento de novos sentidos ao tema proposto, o qual provinha de conhecimentos prévios dos alunos atuantes no momento presente, mas que conseguiram significados através das compreensões “emancipadas” no passado e que continua nos dias atuais.

Atividade desenvolvida

A atividade desenvolvida foi estabelecida através do planejamento como teoria para a prática, esta foi realizada através da oficina proposta, onde a teoria, por vezes, caminhou lado a lado com a prática docente, pois a aproximação entre o assunto proposto e a vida dos alunos, onde os mesmos estão inseridos na sociedade, fez com que a oficina realizada propiciasse a relação entre teoria e prática.

O estágio foi desempenhado da seguinte forma; todas as aulas foram no período noturno; tivemos uma turma EJA. O estágio seria concluído em aproximadamente um mês. As datas foram seguidas conforme o estabelecido, junto com as aulas e a carga horária que devíamos cumprir. No âmbito das aulas, estas ocorreram de forma agradável, pois eu já tinha familiaridade em sala de aula, já que tenho experiência em cursinho pré-vestibular, onde consegui uma boa experiência, sendo assim, não foi tão difícil trabalhar com os alunos no estágio. Fiquei bem à vontade, apesar de no início ficar meio nervoso.

Recebi do Professor Amadeu André de Sousa Filho (Professor da escola) o assunto a ser tratado no estágio Supervisionado na sala de aula. O tema estava no livro didático que o próprio nos disponibilizou.

O tema abordado foi: **A Revolução Industrial e suas fases (relacionamos com o avanço da tecnologia e suas consequências).**

Para desenvolver este tema, a primeira coisa a se observar e temer, pelo menos por mim, foi encontrar a maneira da aula a ser desenvolvida em sala, ou seja, a forma que eu iria ministrar essa aula, sendo que, teria que ser proveitosa para que resultasse em troca de saberes. Minha vontade não era apenas passar o conteúdo de forma decorada, faltava algo. Assim, com orientação da professora Mariângela, assim como de Amadeu, eu, teria que relacionar o conteúdo abordado com a realidade do alunado. Foi elaborado um plano geral, do que seria abordado no decorrer das aulas.

A Oficina foi pensada no intuito de levar aos alunos uma reflexão a respeito da revolução e modernização do poder industrial no mundo, explorando os desdobramentos tecnológicos, econômicos, políticos, social e cultural. A construção do conceito de revolução industrial foi a partir das leituras dos livros didáticos e do conhecimento prévio dos alunos, ao pesquisarmos a noção destes de Fábrica ou Indústria de nossa cidade - Guarabira-, já que muitos alunos estudavam na modalidade EJA e trabalhavam em fábricas no ramo de alimentos e roupas, nesta cidade. Partimos também dos recursos midiáticos acessíveis a maior parte dos alunos (neste caso a televisão), trazendo uma relação da Revolução Industrial, que ocorreu a partir da metade do século XVIII e acentuou-se no século XIX na Europa, às consequências destas transformações ao longo do tempo, identificando permanências que cercam nossa vida atual.

A Oficina teve alguns objetivos como, discutir/refletir sobre os avanços tecnológicos e suas consequências no mundo atual, propiciar aos alunos posicionamentos frente a estas mudanças de forma reflexiva. Para isto buscou-se aproximar o cotidiano ao objeto de estudo demonstrando consequências positivas e negativas na vida em sociedade, visto que o advento da industrialização contribuiu para o avanço tecnológico em detrimento de efeitos colaterais, como: poluição no ar, congestionamentos, consumo desenfreado, entre outros; nesse sentido, faz-se importante os alunos conhecerem tais apontamentos para que melhor compreendam o mundo que os cerca.

Na preparação da atividade, surgiram algumas ideias, voltadas a princípio para as teorias e conhecimentos produzidos na academia, especificamente no âmbito da história política, nova política e política social e econômica. Mas, além disto, que é muito importante,

buscamos desenvolver o assunto de forma reflexiva e integrante/participativa da vida dos alunos, ou seja, não se tratava tão somente de trabalhar um conteúdo histórico em que a historiografia se encarregou de oficializá-lo, mas questionar e relacionar com outros tópicos relevantes ao tema proposto. Assim fez-se necessário ir mais longe; buscava-se uma relação entre o tema abordado, a realidade das fábricas ou indústrias na cidade em que alunos residem ou trabalham, e as práticas destes que eram, em sua maioria, funcionários e conhecedores da estrutura, da forma de montagem, ordenação, e relações de trabalho, ou seja, com a colaboração dos alunos em forma de depoimento oral. Tivemos um entendimento maior acerca da estrutura e organização de uma fábrica ou indústria, e seu efeito na vida da população.

Assim acredito que busquei responder em parte, a problematização levantada inicialmente, onde questioneei o ensino voltado para o passado sem as devidas contemplações, como exemplo: relacionar as vivências dos discentes, aproximar de suas realidades, instigar sua participação, pois é importante ouvir os alunos, entre outras, se assim não for, o processo de ensino – aprendizagem não terá alcançado os objetivos do aprendizado, pois estudar o passado pelo passado não instiga os alunos com tamanha participação que se têm quando se é relacionado com sua realidade proximal. Pois quando se aproxima da realidade dos discentes, estes despertam suas curiosidades de aprendizagem. E ainda, o conhecimento significativo pressupõe objetivos procedimentais e atitudinais.

A chamada Revolução Industrial foi um fenômeno de vertiginoso domínio humano sobre máquinas, bens materiais, homens, natureza; de seres humanos que criaram e aderiram às máquinas, ou seja, incorporaram a industrialização em suas vidas, seus negócios, seus ganhos, entre outros, e ainda, substituíram em grande escala o trabalho dos artesões pelas máquinas, acarretando consequências no social, pois, por um lado se tinha os artesões substituídos pelas máquinas de trabalho, em sua maioria, ou mesmo, estes, sendo aproveitado nas indústrias, trabalhando muito e ganhando pouco, e por outro lado, os lucros devastadores dos donos das máquinas, donos dos meios de trabalho.

Teve início na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, fazendo uma transição do sistema feudal para o sistema capitalista. Teria que ser estudada, aprofundada e relacionada ao convívio dos alunos para dentro da sala de aula, pois os alunos deveriam perceber e sentir as influências das sociedades passadas em nossos dias atuais, além de discutirmos a revolução das indústrias, e principalmente, embarcar a “Revolução Tecnológica”, e a tentativa desenfreada de crescimento econômico em detrimento das consequências ambientais. Seria trabalhada uma questão que está estreitamente ligado aos problemas mais emergentes em

nossa sociedade, a poluição através do desenvolvimento desenfreado da industrialização. A partir desta base elaborei os objetivos que seguem.

Objetivo Geral:

- ✓ Uma análise crítica e interpretativa dos temas referidos ao passado, para que pudesse fazer com que os discentes entendessem a sociedade atual e o que nela acontece ou acontecia.

Objetivos Específicos:

- ✓ Relacionar o passado com o presente para que não seja abordado tão somente o passado pelo passado, mas suas relações e consequências com a sociedade atual;
- ✓ Conhecer o passado através do presente e vice-versa;
- ✓ Incentivar o senso crítico dos alunos e motivá-los a pensar e refletir, a partir do tema proposto e da sociedade em que estão inseridos.

O intuito é chamar atenção dos alunos para que a aula seja participativa, ou seja, uma construção coletiva de saberes e não apenas um poder emanado tão só unicamente do professor. Assim, relembro FREIRE, (...) *“quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”* (FREIRE, 1996, p.12). É um “poder” que tem de partir de todos. Assim, tentei relacionar o assunto do livro didático com temas atuais. Sendo assim, as aulas pendem a ser mais prazerosas. Como ocorreu.

Organização das Atividades

Abaixo seguem enumeradas todas as atividades desenvolvidas no âmbito do estágio, contendo também o tempo previsto para cada uma delas. Seguem a ordem numeral, junto às respectivas atividades.

1- Apresentação dos grupos e mediadores;

1.2- Apresentação da Oficina; Objetivos. (10 minutos)

2- Problemática: lançar questões sobre o presente, através do tema proposto, a partir do cotidiano dos alunos. (No decorrer de toda a aula)

3- Estratégia inicial: Jogos de perguntas e respostas. (10 minutos)

3- Exibições de Slides. (20 minutos)

4- Discussão acerca do que já foi discutido. (20 minutos)

5- Elaboração de Atividades. (30 minutos)

6- Conclusão. (10 minutos)

No início, o primeiro passo foi à apresentação dos participantes e mediadores, para que se tivesse uma relação mais próxima entre os estagiários mediadores e os alunos participantes.

Convidamos os discentes a se posicionar em círculo. Logo depois, os estagiários mediadores foram apresentados à turma, e na sequência, os alunos fizeram o mesmo. Todos contribuíram com alguma informação, dúvida ou questionamento a respeito da revolução industrial e sua contribuição nos dias atuais, já que os alunos haviam estudado, anteriormente, o assunto proposto. Todos participaram inclusive os mediadores. Em continuidade, foi-se passado o objetivo e as orientações da Oficina para os alunos.

A segunda atividade foi trabalhada de acordo com o conhecimento prévio do alunado. Os estagiários mediadores levantaram algumas perguntas e respostas, no sentido dos estagiários apresentarem um pouco de suas visões de mundo, onde todos, estagiários e alunos, discutiram as contribuições e dissabores da industrialização e suas tecnologias no meio social em que vivemos. Assim, a Oficina foi iniciada de acordo com o conhecimento prévio da turma para que pudéssemos dá continuidade de forma participativa.

A terceira parte da Oficina contou com recursos tecnológicos que desempenharam um papel fundamental para melhor explanação do conteúdo através dos slides. Criamos um título que é “*A Indústria e suas tecnologias*”, tal recurso exibirá imagens e pequenos parágrafos que foram analisados e discutidos; imagens essas que representaram o crescimento desenfreado das indústrias (imagens relacionadas à poluição como consequência das indústrias) e ao mesmo tempo foram exploradas imagens que representam o advento da tecnologia, desde os tempos remotos aos dias atuais (como exemplo: aparelhos de celulares antigos e atuais, tablete, computadores de variados estilos...), com o intuito de perceber as vantagens e desvantagens da revolução industrial em suas vidas.

Além destes recursos, - também nos atemos, para mediar a Revolução Industrial, por meio de uma reflexão contida na obra de Francisco M. P. Teixeira; “*Revolução Industrial*”. Em seguida selecionamos algumas imagens de produtos eletro portáteis, entre outros, e indústrias lançando gases tóxicos na atmosfera, onde apresentamos e problematizamos as imagens que retrataram a realidade que se esconde por trás dos produtos que o consumidor final adquire. Por meio dessas imagens todos os refletiram até chegarem a uma conclusão de que estão ou não preocupados com a real situação que se encontram diante do que foi abordado.

Partiremos para quarta atividade, nesta, refletimos acerca das revoluções tecnológicas e as consequências trazidas pela fábrica e/ou indústria que produz. Abordamos essa temática

em uma roda de conversa, onde todos tiveram a oportunidade de argumentar acerca dos “*avanços e atrasos*” referente ao setor industrial, e mais, como muitos desses alunos trabalham ou trabalhavam em uma fábrica local da cidade, a conversação ficou ainda mais interessante, pois é mais próxima da realidade dos alunos, de forma vivenciada, ou seja, os alunos relataram suas práticas diárias; como era feita a distribuição de função, o desperdício de lixo que não era reciclável, confirmaram os gases poluentes lançados na atmosfera, enfim, reforçaram a discussão afirmando que existem “coisas boas e coisas ruins”, apesar da impressão que fica é que as coisas ruins estão em um nível maior, afinal, sem a terra onde iremos viver?

Na quinta parte coube uma atividade que foi realizada referente a tudo que foi abordado, discutido e problematizado durante a Oficina. Explicamos aos alunos como seria esta atividade, após as explicações aos mesmos, será destacado abaixo em tópicos, a atividade desenvolvida:

- Cada grupo ficou encarregado de ler, resumir e debater cada fase da revolução industrial, principalmente, “*A revolução tecnológica*”, destacando as consequências positivas e negativas;
- Com o resumo em mãos cada grupo escolheu uma forma de “contar” o que há no resumo. Os estagiários passaram de grupo em grupo auxiliando;
- Os estagiários foram auxiliando e corrigindo os resumos com os alunos;
- Os grupos assistiram e realizavam as apresentações para acompanhamento da sequência do trabalho, já debatido anteriormente;
- Fechamento. Cada grupo deu sua opinião e conclusão a respeito do assunto tratado e participou comentando a atuação de cada grupo apresentado;
- Em todas as fases os estagiários poderiam intervir.

As atividades foram trabalhadas a partir de quatro temas escolhidos pelos alunos com o auxílio dos estagiários, que foram: “*Poluição atmosférica*”, “*tecnologia e suas utilidades*”, “*o mundo está cada vez mais poluído*” e “*a poluição urbana através das indústrias automobilísticas*”.

Após a conclusão das atividades, os estagiários concluíram de forma esclarecedora acerca dos problemas advindos da industrialização desenfreada e apontaram as consequências para um mundo informatizado. A partir dos conhecimentos adquiridos na academia, também os saberes construídos em conjunto durante o estágio, podemos esclarecer as dúvidas ao nosso alcance. O espaço permaneceu aberto para questões, dúvidas, esclarecimentos.

Nosso alvo no estágio consiste em fazer com que o aluno se sinta parte da história, como aborda a citação a seguir: “Quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado a exercer.” (PINSKY, PINSKY, 2004, P.28). Fazendo com que eles se sintam integrados com os temas abordados e o fato histórico. Que essa aula não venha ser uma mera aula de história, mas um momento de pensar e refletir como sujeito da história.

Dessa forma, a seguir, será abordada a relação entre teoria e prática no ensino de história, haja vista a importância da relação de ambas as partes, inseridas em um contexto prático e reflexivo que as tornem inseparáveis, pois a aproximação entre teoria e prática é a aproximação do que pretende alcançar quando se leciona história.

O estágio Supervisionado possibilitou uma maior aproximação entre teoria e prática, ou seja, o que estudamos como proposta de ensino e a experiência desenvolvida na escola, a partir das discussões do curso de Licenciatura Plena em História. Um dos primeiros passos para unir a teoria e a prática é levar à “Oficina as ferramentas educacionais que possibilitem o carro da aprendizagem uma melhor velocidade no aprendizado, acompanhada de qualidade e precisão no âmbito de ensinar”.

O uso de ferramentas que possibilitem o melhor desempenho do professor em sala de aula é de suma importância quando relacionado ao livro didático, um e outro, juntos, melhoram o desempenho de aprendizado do alunado.

Logo, o presente capítulo teve – já está no final - como intuito, abordar a importância de novas ferramentas no ensino da história, - Oficinas no espaço escolar – com o estudo da Revolução Industrial, aproximando-a da realidade dos discentes, assim, possibilitando, também, mais uma reflexão acerca do tema desenvolvido. A intenção foi demonstrar as oficinas como rica atividade de aprendizado. Trata-se de uma estratégia ou metodologia que se diferencia de uma aula convencional, uma vez que

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. (PAVIANI, FONTANA, 2009, p.78)

Assim, as atividades desenvolvidas em grupo e com a participação dos alunos, estes se perceberam como parte da história, pois compreenderam os desdobramentos da revolução industrial de forma vivenciada, visto alguns estarem inseridos nos discursos proferidos oralmente, relacionado ao tema proposto, propiciando uma aprendizagem significativa.

Desta forma, aqui está mais uma possibilidade de incorporação de uma nova ferramenta aos processos pedagógicos, a oficina, contribuindo, significativamente, para os discentes, mediante sua aproximação com as realidades e a melhor percepção do tema proposto.

Para melhor entender e praticar em sala de aula, a metodologia e ensino da história se faz prazeroso e útil, recorrer ao texto de Rosa Maria Godoy Silveira, onde constam as possibilidades de inserção de novas linguagens, abordagens e temáticas aos processos pedagógicos. De acordo com Rosa, pressupõe-se que a educação seja ativa, isto é, haja a sua imersão no mundo para tornar as pessoas capacitadas para observá-lo, senti-lo, analisa-lo, interpretá-lo, de modo à nele poderem atuar. Assim, compreende-se que o docente tem que ser atuante em suas metodologias de ensino da história, para que o educando seja parte desse processo de educação de forma compreensiva, somando a isso, uma inteligibilidade do mundo em que está inserido (politicamente, economicamente, em sociedade, culturalmente, em natureza), pois, do contrário, os docentes estariam, profissionalmente, fracassados na arte de ensinar, visto que a educação está sempre em movimento, assim, as novas problemáticas exigem dos docentes um processo contínuo de formação e aprendizagem: formação continuada. Segundo SILVEIRA (2008)

Desse modo o(a) educando(a), que é para ser educado(a), isto é, socializado(a) culturalmente, de fato, é duplamente lesado; primeiramente, porque os conhecimentos defasados que lhe transmitem, não lhe possibilitam ter uma inteligibilidade do mundo (natureza e sociedade) com os recursos de compreensão sobre o mundo em constante mudança e, portanto, com novas problemáticas que requerem compreensões e respostas inéditas; em segundo lugar, se esse(a) educando(a) não aprende sequer o que fazer com os conhecimentos aprendidos, até mesmo os defasados, o que recebeu, em outras palavras, não passa de um amontoado de informação, com alta probabilidade de serem inúteis.” E ainda, “pois o conhecimento pressupõe características de sistematização, organização, criticidade e mobilização, pressupõe um sujeito do conhecimento, ativo e atuante. (p. 13)

Por outro lado, a Oficina é uma ferramenta que contribui no processo de ensino da história, já que insere o alunado de forma a se perceber agente da história, visto que a participação dos mesmos, somando a metodologia aplicada, afere uma maior proporção de aprendizagem. “Por tais razões, é indispensável que o Ensino de História se faça, também, com o concurso de Metodologia da História, que é indissociável da teoria e dos vários

conjuntos de interpretações sobre as experiências vividas temporalmente pelos seres humanos.” (SILVEIRA, 2008, p. 19).

Dessa forma, a oficina foi realizada no intuito de relacionar a Revolução Industrial com a realidade do alunado, para isso, como já foi explicado anteriormente, fez-se necessário apontar alguns temas para podermos discutir, relacionar e aproximar do alunado, como exemplo: “*As consequências da Revolução Industrial e suas contribuições negativas e positivas*”, assim, o alunado se desprende das amarras de uma educação “ajoelhada” ao comodismo.

Assim sendo, é a relação entre teoria – metodologia da história e a forma de ensinar que contempla as mudanças e transformações na forma de aprender e ensinar os conhecimentos históricos, visto que, a teoria se aproxima da prática quando ambos estão relacionados em um único propósito, esse, metodológico, assim, conteúdo histórico em transformação de saber histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do estágio somou experiência registrada nesse trabalho e desempenho necessário a uma boa formação profissional. O Estágio Supervisionado, mais do que o cumprimento de uma demanda, foi essencialmente mais do que um dever a ser cumprido, aumentando mais e mais a certeza que tenho sobre minha formação profissional. A docência tem um valor especial, mesmo que muitos não consigam enxergar tamanha preciosidade, apesar de ter suas dificuldades, mas qual caminho não tem?

Cada momento do estágio contribuiu para o profissional que desejo ser. A Oficina me fez perceber uma realidade distante de muitos, fazendo-me notar que ainda há muita a ser feito.

E ainda, a oficina possibilitou uma forma dinâmica e participativa de aprender o assunto proposto, e também, uma estreita aproximação entre teoria e prática no ensino de história na sala de aula da escola mencionada anteriormente, somando a isso, as atividades desenvolvidas para melhor compreensão, reflexão e aprendizado do conteúdo abordado pelos alunos, além de refletirmos, nós estagiários, sobre o conteúdo abordado e a maneira que foi desenvolvido que facilitou o processo de aprendizagem, onde os alunos interagiram de forma participativa, levantaram algumas dúvidas referentes ao tema, e logo em seguida, foram esclarecidas pelos estagiários, assim, buscamos relacionar o assunto proposto com a vivência dos alunos para que se percebessem integrantes da história, mas não a sua margem, assim, a

oficina possibilitou um melhor processo de aprendizagem ao passo que uma experiência enriquecedora para nós estagiários.

Relatei aqui, minha história para que outras pessoas possam vê-la e contar suas histórias também. Pra frente irei seguir conforme o que aprendi na academia, nos livros, na prática do estágio, enfim, escolhi a docência juntamente com história para traçar meus caminhos. Cada momento foi único e de aprendizado, fui para o estágio um pouco experiente, já que tinha experiência em sala, mas confesso que estive nervoso inicialmente, afinal, o processo de ensinar é também de aprender, contudo posso dizer que eu fui quem mais aprendeu. Estou Feliz.

Portanto, estudar o passado pelo passado não instiga os alunos com tamanha participação que se têm quando se é relacionado com sua realidade proximal. A oficina contribui para a aproximação entre o conhecimento que se pretende passar e o conhecimento que se pretende adquirir.

REFERENCIAS:

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Ano de digitalização, 2002**
- PAVAIANI, M. S. Neires; FONTANA, M. Niura. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. In: **Revista Conjectura**, v. 14, n.2, maio/ago. 2009, p. 77-88.
- PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na formação de Professores: Unidade entre Teoria e Prática. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 94, ago. 1995 – Fundação Carlos Chagas
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SANTOS, Adriana Regina de Jesus. Um Olhar do Currículo no Contexto do Pós-modernismo. In: **Olhar de professor**. Ponta Grossa: 5(1): 2002 p.173-183.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Teoria- metodologia e Ensino de História: uma influência necessária. In: SANTOS NETO, Martinho Guedes (org.). **História Ensinada: linguagens e abordagens para a sala da aula**. João Pessoa: Idéia, 2008.
- TEIXEIRA Francisco M. P. **Revolução Industrial**. São Paulo. Ática, 1995.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Disponível em: <http://www.scielo.br>

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L.. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2011.